

# O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens melius  
ad destinatum persequor, ad bnavium  
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

ID. 13. 14.

**SUMMARIO:**—*O ultimo sermão do P. Agostinho de Montefeltro.*—Secção Religiosa: *Duas vocações religiosas*, por M. F.—Secção Scientifica: *A Sancta Poesia—II*, por J. C. de Faria e Castro.—Secção Historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus*, 32.º, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Critica: *A Revolução*, por Dom Antonio d'Almeida.—Secção Illustrada: *Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça—IV*, por R. Paraizo; *A aposentação e o Monte-Pio do Clero*, pelo Padre Raymundo.—Secção Necrologica.—Retrospecto da Quinzena, por Virgilio de Senna.—Bibliotheca Romantica, 6.ª folha, *O Cavalleiro do Oriente*, versão de Mattos Ferreira.

**Gravuras:** *Primeira lição de labores.*—Mucaco.



PRIMEIRA LIÇÃO DE LAVORES

### O ultimo sermão do P. Agostinho de Montefeltro

**V**IVEMOS em um seculo extranho, verdadeiramente doloroso. Tudo hoje é confuso, tudo se põe em questão. Desgraçadamente estamos divididos em tudo; em politica, cada um tem o seu programma, a sua bandeira; em educação, cada um tem o seu systema; em litteratura, cada um tem a sua escola; em sciencia social, cada um tem o seu remedio infallivel. É uma especie de fracção universal de todas essas forças, que dantes tinham tanta cohesão e tanta consciencia. E isto succede no meio d'um diluvio de idéas as mais extravagantes, de doutrinas as mais perversas, de utopias as mais dolorosas.

Sim, é um verdadeiro diluvio, cujas aguas crescem e prevalecem de dia para dia; diluvio de erros, diluvio de males, que tudo cobre, tudo submerge. tal qual como o diluvio dos primeiros dias da criação, que cobria até as alturas das montanhas mais elevadas.

E onde iremos encontrar um refugio, um asylo?

Onde acharemos um terreno firme, um terreno solido, em que possamos pôr os pés com segurança para não cahir no abysmo? Estareis por ventura seguros nas alturas da sciencia e dos grandes principios da razão? Ah! Senhores, ha já muito tempo que a inundação do materialismo e do atheismo cobriu aquellas alturas e comprometteu a sciencia que quer caminhar sem a Fé. E o que dizemos da sciencia, podemos dizel-o tambem da politica, que pretende governar os homens com os principios da pura sujeição aos homens. Serão grandes formulas, dizei-as, se vos parece, idéas nobres, systemas cheios de grandeza, invenções maravilhosas, conquistas admiraveis, mas sob as aguas do novo diluvio desaparecem as sus alturas.

Que devemos, pois, fazer?

Senhores! Vedes lá aquella barquinha, que vae tranquilla e segura por entre as ondas furiosas? É a barca de Pedro, é a Igreja. Ella sobrevive a todos os cataclismos, a todas as tempestades que subvertem o mundo, desafia todos os ventos, passa impavida sobre todos os abysmos, atravessa triumphante todos os seculos. D'ella pode dizer-se o que o Propheta dizia da Arca de Noé; quanto mais as aguas cresciam, mais a arca se elevava e se via de longe. Assim é a Igreja: quanto mais cresce o diluvio das falsas doutrinas, quanto mais o mundo ameaça as instituições humanas com os seus delictos, com as

suas paixões, com as suas desgraças, mais se eleva e se torna visivel aos olhos de todos aquella arca sancta que encerra e leva em si as esperanças da humanidade. Não a vedes passar sobre aquelles abysmos que engolem intelligencias e corações, governos e povos, sciencia e civilização? D'ella pode dizer-se o que ella diz da cruz: é a unica esperança.

Senhores, eu não venho dizer-vos que entreis na Igreja. Seria fazer-vos o maior ultrage; vós já pertenceis a esta mãe commum, vós todos sois filhos da Igreja. Quero só mostrar-vos como a Igreja corresponde ás mais imperiosas necessidades do homem, venho confirmar-vos na vossa fé. Nós precisamos de verdade, e a Igreja é mestra da verdade; nós precisamos d'amor, e a Igreja é a mãe do amor. Eis o que eu desejo mostrar-vos, ainda que não sei como acharei as palavras em um momento como este, em que uma tempestade de emoções me agita o coração.

Senhores!

Nós precisamos de verdade; a nossa intelligencia é feita para a verdade; ella procura a verdade como as plantas procuram o calor e a luz que as vivificam.

Mas onde acharemos a verdade?

Senhores, eu creio inutil combater a extranha pretensão d'aquelles que affirmam que estamos em relação directa com Deos; a experiencia faz justiça a estas loucas chimeras, a estas doutrinas que nem sequer merecem confutação. O homem é um ser ensinado. Eu estou bem longe, meus senhores, de negar a força natural da razão; eu bem sei que a sã doutrina ensina, que o espirito humano, posto em contacto com a realidade, pode sahir dos sonhos, pode formar idéas, pode pronunciar juizos, pode chegar até á affirmação do mundo espiritual. Mas abandonado por Deos, e subtrahido áquelle ensino que o estimula e dirige, o espirito humano não chega á verdade, e fica inculto e selvagem.

Considerae, com effeito, o homem; não o homem chimerico, que quereriam fazer-nos crer os ulopistas, mas, o homem real: vós achareis que é sempre um ser ensinado, vós vereis que nós todos somos filhos d'uma palavra. O menino é filho d'uma palavra de sua mãe e a leva comsigo até ao sepulcro; o povo muitas vezes deixa-se arrastar pela palavra dos tribunos, que quasi sempre o conduzem á perdição.

E aquelles que pretendem não receber inspirações senão da razão, não são por ventura filhos d'uma palavra? Não

são elles escravos dos seus prejuizos e paixões?

Sim, o homem é um ser ensinado; elle tem necessidade d'um mestre que lhe falle, que lhe diga a verdade.

Pois bem, meus senhores, onde se achará este mestre? Será talvez entre os sabios que a antiga philosophia formou no mundo? Ah! meus senhores, a antiga philosophia não pretendeu nunca ensinar aos povos. Com effeito, a India esconde as suas doutrinas na escuridão das florestas; os magos, nos antros da Caldea; Platão, Zenão, Epicuro, Aristoteles, todos os grandes sabios da Grecia, dentro dos muros da Academia e do Lyceu; os sabios hebreos, na Synagoga de Jerusalem.

Onde encontraremos pois este mestre? Será por ventura entre os sabios que tem formado e vae formando o espirito moderno? Ah! senhores, a philosophia moderna é mais extranha aos povos de que a antiga. Ide sentar-vos na escola dos grandes philosophos; apezar do pequeno numero dos ouvintes, vós não sabeis se todos foram lá aprender, e se todos poderam comprehender; e terminada a licção do professor, sahindo de lá, edcontraes-vos no meio d'um povo laborioso, que nem sequer sabe que existe um curso de philosophia; e a sua mesma indiferença mostra que não é lá que se encontra o mestre da verdade.

Onde o acharemos então? Talvez no meio dos principes? Mas Deos deu a a espada aos principes, não lhes deu a palavra; deu aos principes o sceptro e não a vara do pastor.

Elles podem somente abrir escolas; mas as estatisticas bem depressa virão dizer-nos que vinte annos uma terça parte dos homens arrola-se na milicia e não sabe lêr; bem depressa virão dizer-nos que a trinta annos a outra terça parte contrahe matrimonio e não sabe escrever; e se as luzes consistem em saber lêr, escrever e fazer contas, dizei-me vós como podem dizer-se os principesmes tres da verdade.

Serão então os jornalistas? Nenhum d'elles ainda disse: «Eu sou a verdade;» elles podem ter dito: «Eu sou a opinião, eu sou o seculo,» mas nenhum tem a coragem de dizer «eu sou a verdade.»

Senhores, procurae entre as instituições humanas, e vós não encontraes uma escola que possaes chamar a escola da verdade. Vós achareis utopias que se succedem para mostrar a impotencia da razão entregue a si mesma; vós encontraes systemas que dão a audacia ao scepticismo; eis o que encontraes.

Onde iremos pois encontrar este mestre de verdade?

Em Jesus Christo.

Oh! sim, Jesus Christo é a luz que illumina todo o homem que vem a este mundo. Mas elle não fez senão apparecer sobre a terra; a sua encarnação não durou senão um instante. E todavia elle deve ter querido que a verdade se perpetuasse e transmitisse até aos ultimos seculos. Mas como se fez, como se devia fazer esta transmissão? Sem duvida ninguem terá a coragem de affirmar que Jesus Christo quiz dizer a verdade somente aos seus discipulos. Mas supponde, quanto vos parecer, que Jesus Christo tenha querido dar aos seus discipulos um fundo commum de doutrina: isto não seria mais que uma tradição; supponde, quanto quizerdes, que os seus discipulos a tivessem diffundido com a palavra; não teriamos tido senão um systhema, uma escola; supponde ainda que o seu encargo fosse limitado a escrever o Evangelho; elles não teriam feito senão deixar um livro que é capaz de mil interpretações.

Jesus Christo, meus senhores, para perpetuar a verdade, para pôr-nos em contacto perpetuo e familiar com a verdade, era necessario que deixasse depois de si uma representação publica da sua palavra, uma representação que fallasse em seu nome, que por toda a parte se levantasse no meio das gerações com um órgão visivel, onde se podesse encontrar o centro e o principio de todas as cousas; e que, por mais que não se quizesse abrir os olhos, se reconhecesse e devesse reconhecer n'elle uma manifestação e um aperfeiçoamento da encarnação. De contrario aquellas palavras, que são as mais bellas e mais sublimes do Evangelho: «Os pobres serão evangelizados,» seriam palavras sem sentido. Então Jesus Christo não teria feito senão passar sobre a terra; a sua passagem não seria mais que um relampago que teria atravessado a historia da humanidade; e eu, meus senhores, digo a verdade, não o reconheceria como Deos e como Salvador.

Porem Jesus Christo deixou esta representação publica. Com effeito, um dia elle escolhe doze homens, e diz-lhes: «Vós não deveis abrir escolas; vós deveis ir pelo mundo-euntes.-E para que? Para disputar? Não, senhores, para ensinar-docete.-A quem? A todos; povos e reis, moços e velhos, pobres e ricos, grandes e pequenos, sabios e ignorantes-omnes: ensinar publicamente, ensinar altamente em todos os logares-supertecta.-E com que signaes? Pareis prodigios em meu nome. E com que recompensa? Receberets a morte por minha causa. E com que auctoridade? «Com a minha» disse Jesus Christo, porque quem vos ouve, ouve-me a mim, pois não sois vós que fallaes, mas o espirito do vosso Pae, e assim como

eu fallo a vós, assim falla em mim o meu Pae.»

Ouvistes, meus senhores, ouvistes? O pae está com o Filho, o Filho está com a Igreja, e a Igreja e o Filho não formam senão uma cousa só. Eis a Mestra da verdade: a Igreja.

Mas o homem precisa d'amor. E como, senhores, como é possivel exprimir o amor da Igreja? O seu coração é vasto como o mundo, ella abre os braços a todos, quereria reunir todos os homens em um amplexo d'amor, reunir todas as intelligencias na mesma verdade, todos os corações na mesma caridade, no mesmo amor.

Contemplae a sua liturgia; vós encontraes n'ella uma linguagem sublime d'amor. Sente-se realmente que Deos deu à sua Igreja um affecto verdadeiramente maternal. E na verdade não é ella nossa mãe? Não é ella que nos conforta, que nos sustem durante estes pobres dias d'exilio n'este valle de lagrimas? Ella provê às necessidades dos seus filhos; dirige tudo para o seu bem; tem um remedio para todos os males; dispensa a sua solicitude segundo as necessidades, segundo as condições, segundo as edades, com os primeiros e com os ultimos, com os grandes e com os pequenos.

Não vedes, com effeito, meus senhores, com que ternura ella se faz menina com os meninos, forte com a juventude, calma com a idade madura, conforto e arrimo com a velhice? E' assim que ella faz sentir o seu amor a todas as edades, a todas as condições. E se é verdade, meus senhores, que a mãe é a eterna amiga do homem que cresce, a Igreja é a eterna amiga do christão. Ella o ampara sempre, ergue-o das suas quedas, cura os seus males, procura suavizar por todos os modos a sua vida.

Oh! não é verdade, senhores, que a Igreja prega a bella lei do amor e da caridade? Não é a Igreja que possui o segredo de cumular de ternuras os mesmos filhos extraviados? Não é a Igreja que faz resplender a sua doçura mesmo no meio dos seus rigores?

Quem pode dizer, quem pode dizer as consolações que ella derrama!

Senhores, quando se conhece a vida humana, quando sentimos a nossa miseria, quando contemplamos o quadro doloroso da humanidade, somos contrangidos a perguntar à nós mesmos: «Mas onde, onde se encontrará a força para consolar tantos males?» E' na Igreja, meus senhores, porque Jesus Christo dando à Igreja o seu coração, deu-lhe a missão de consolar todas as miserias humanas. A Igreja tem sem-

pre por divisa aquella sublime palavra de Jesus Christo: *Misereor super turbam.*

Oh que potencia consoladora se encontra na Igreja! Nomeae-me uma só dôr para a qual a Igreja não tenha uma palavra de consolação, um socorro, um auxilio. Ella teve piedade dos pobres orphãosinhos, teve piedade dos velhos, e abriu-lhes hospicios; teve piedade dos pobres perdidos sobre a montanha, e abriu-lhes casas de refugio; teve piedade dos ignorantes e abriu-lhes escolas; teve piedade dos escravos e mandou-lhes quem os remisse; teve piedade dos pobres enfermos e abriu-lhes hospitaes; teve até piedade das desgraçadas que o mundo cobre de desprezo depois de tel-as coberto de deshonra, e abriu-lhes asylos, onde com esforços generosos possam readquirir a reabilitação que o mundo lhes recusa.

Sim, o amor da Igreja é immenso, e manifesta-se em todas as nossas necessidades, em todas as nossas penas, em todas as nossas dores. E quando está para terminar a nossa peregrinação, então o seu amor cresce, porque é aquelle o momento supremo, o momento decisivo.

(Continua)

## SECÇÃO RELIGIOSA

### Doas vocações religiosas

**M**ais duas jovens vimaranenses, uma, irmã do R.º P.º Antonio de Freitas Coutinho, e outra, serviçal do Ex.º sr. José J. Peixoto de Meirelles, no vigor dos annos, na quadra mimosa das illusões, na hora do perigo, quando tantas, tantissimas, inclinadas na orla do abysmo, n'um momento de vertigem se deixam resvallar para não mais surgirem à flor d'aguas puras e tranquillias, duas, dizemos, ergueram vôo audacioso e acolheram-se a arca, onde jamais sobem as alluviões terriveis dos diluvios.

Felizes ellas—as intrepidas romeiras do céu!

Entre os dons mimosos que de lá lhes vieram, veiu-lhes a prudencia, quiçã um dos de mais elevado preço. Cultivando-o com o ininterrupto zelo que demanda o melhor torrão da herança paterna, germinou-lhes n'alma a ambição violenta, não das galas e atavios que intontecem, não dos applausos tão poucas vezes leaes, mas da paz, da serenidade, d'aquella alegria santa, que no tempo foi partilha afoutamente aceita por Ignez, Cecilia, Pulcheria, Rosa de Lima, Thereza, Oflita, Joanna de Portugal, Luiza de França, e na eternidade premio perduravel e grandissimo.

Malsinam-nas pelo heroismo praticado? Mas quem? O mundo que as não intende? o mundo que tem as honras por ideal, em tanto que o Evangelho o forma da humildade, da perseguição por causa da justiça, do soffrimento resignado, da pratica da religião sem ostentações nem medos? o mundo, cuja conquista ambicionada são os prazeres, quando o Evangelho manda procurar a provação e nos diz: «Bemaventurados os que choram»? o mundo, que de continuo impende para as riquezas, ao passo que lemos no Evangelho: «Ai de vós, ricos, que na vida terrena vos locupletaes de gózos, porque está escripto que o mau rico foi sepultado no inferno? Este mundo, materializado, carnalizado, inimigo da alma, deixam-no ellas fallar, mui conscias de que vozes taes não chegam ás abobodas do céu. Parovellas d'esta mediocridade, intimidam creanças, mas fazem rir a gente.

O outro mundo porém, o mundo bom, o mundo sensato, o mundo dos sentimentos nobres e das acções condignas, o mundo que pensa, o mundo discreto, o mundo amigo, cuja opinião se acata e préza, porque é uma manifestação da voz Dei, esse mundo louva-as maravilhadado, e sente-se feliz por ver como em Portugal, reino fidelissimo, que enumera em cada uma de suas aureas paginas um exemplo de fé, de heroismo, de virtudes, se vai suavemente dilatando, como undulação benéfica de luz, a benção ineffavel de Deus em affecto acrisolado pelas associações religiosas, archetypos perfectissimos das demais associações.

E' certo haver quem não goste que assim seja? Paciencia! Não está com elles a razão. E se está, cumpre lavar carta de demencia ás nações cultas da Europa, aos emporios de maior civilização, a Pariz, a Londres, a Vienna, a Berlím, a Munich, a Bruxellas, a Madrid, a Washington, a Nova-York, a Melbourne, a... todas. E lavrem-na essas taes, esses Demosthenes microscopicos de club e botequim, que não seremos nós a pôr-lhes em duvida a competencia.

Demais, o numero d'esses é exiguissimo. Ainda para alguém são de reparo, porque fazem bulha, unica industria em que são eximios. Alguns aunos porém se volvam, e terão passado á historia ou tomado logar n'um museu de archeologia. Cada seculo tem sua feição proeminente: a d'este, infelizmente, foi quebrar lanças por uma liberdade, que victimou seus mesmos coripheus, e não soube, não pôde dar a paz ás nações, nem ás familias, nem aos individuos. Os alvares do seculo vindouro apontam novo rumo, e ha signaes caracteristicos a alentar-nos a esperança de que muita instituição benemerita,

derrocada pelo temporal que ha cem annos açouta a Europa, ha de alçar-se de novo, como tenda amiga do deserto, convidando a repouso o viandante fatigado. A este genero pertencem as congregações religiosas, guerreadas de morte, e apesar d'isso (oh visível poder do braço de Deus!) tão florescentes, tão multiplicadas, abarcando o mundo, do oriente ao occidente, d'um a outro polo. A minha patria, por certo, ainda mal! tão retardataria em tomar assento n'esta agape civilisadora, entra de véras em si, e hade, creio-o, indemnizar-se da tardança com o brio que lhe é peculiar, e ganhar em actividade o que tem perdido em celeridade. Ha por toda a parte uma abundancia de seiva que faz trasbordar de jubilo todos os corações christãos, e se algum ha ahi com medo a este avançar sereno e impavido em conquista do bem, emigre para a lua ou disponha-se a morrer de susto; morte que realmente não é muito para portuguezes, entre os quaes até as mulheres fazem da certá uma clava e da pá uma lança exterminadora. Cada provincia, cada cidade vai ostentando um d'esses maravilhosos centros de oração, de sacrificio, de trabalho, de progresso emfim. E' tal o bem que fazem, que os proprios que os hostilizam lhes vão confiar a educação dos penhores mais estremecidos de sua alma—de seus filhos e suas filhas! Ha uma dezena d'annos talvez, que esta cidade—berço do 1.º Afonso, tão portuguez e tão christão, commetteu o delicto de arredar para longe quem intentava vir-lhe aqui mesmo, á porta, administrar-lhe commoda e baratamente uma instrucção esmerada. Naquelle momento Guimarães esfregou as mãos com ares de triumpho; mas pouco tempo depois puchava as orelhas, por ter que buscar ao longe o que pudera ter ao pé.

Foi erro. Não o praticará por certo outra vez.

Voltando ao assumpto que nos desafiou estas linhas, sacrificio fizera o R.º P.º Coutinho, deixando partir para longe quem era de presente a unica interprete de seus intimos affectos: no entanto em seu coração, modelado pelas virtudes evangelicas, não é de recear houvesse um só movimento, no intuito de retardar a um ente que rido a posse da *melhor parte, a qual lhe não serd tirada*. Parabens a elle! Parabens a sua digna irmã!

Do sr. Peixoto de Meirelles, entrado na senectude, privado da luz de seus olhos, sabemos que falta lhe fez aquella *domestica de conlança, secretaria docil* de seus que-fazeres litterarios ou financeiros. Foi para elle um mal, que seu coração generoso saberá superar como tantos outros, mas um mal relativo,

que vai transmudar-se em bem, vindo outra colhêr o beneficio que a esta concedia o sr. Meirelles.

Uma magua porém ha a enluctar-nos: é vermos que fogem para longe, quando podiam aqui ao pé, nas condições que buscam em terras distantes, satisfazer as aspirações de sua alma, e diffundir entre os conterraneos o bem e o exemplo que espalham entre extranhos.

Consolemo'-nos porém. O futuro é de Deus: aguardemos o futuro!

M. F.

## SECÇÃO SCIENTIFICA

### A Sancta Poesia

#### II

MEU conceito, que convem agora mais do que nunca o despertar os eccos do *Hossanna* eterno dos seculos.

A sociedade parece como *deschristianisar-se* de dia a dia. Tal impiedade que não ousavam outr'ora proferir em publico é divulgada e espalhada todas as manhans sob os olhos de milhares de leitores.

Nós os modernos, estamos a soffrer a tyrannia dos ensinos da má imprensa, dos mãos livros, das artes sem prestimo. Occuparem'o-nos a seu tempo, *tambem das maravilhas da arte religiosa*.

Os poetas modernos fazem como que uma gloria da exclusão das suas obras da razão, ao passo que a poesia deve ser-lhe ao contrario uma expressão mais sensível e mais harmoniosa.

Nada é tão opposto á hygiene moral que essa poesia toda recheada de imagens e de palavrões que tem prevalecido n'este seculo. O mal fôra reconhecido tão grande, que muitas protestações se levantaram contra esses abusos da imaginação e esse amôr immoderado da forma. Ao romantismo foi então opposto a escola do senso commun. Todavia as tendencias materialistas dos partidarios d'esta ultima escola não tardaram a revelar a inefficacidade d'esta reforma.

Os poetas christãos, evitando o que os profanos buscam, repellindo as descrições sensuaes, as imagens voluptuosas, calculam mui raro seus effectos; todavia a impressão que produz a leitura de suas obras é tal, que se concebe d'elles uma estima singular. Os seus talentos fazem sempre pensar nas suas virtudes, e nossa imaginação engrandece tanto mais, quanto mais impenetravel é a obscuridade que cinge a maior parte d'elles.

Sempre serios, os nossos poetas fal-

lam pouco de si mesmos;—*Alleluia* é o seu grito de alegria, e, se choram, são só lagrimas d'amôr divino ou de penitencia, que derrancam.

Suppondo-se que suas obras sejam insufficientes para formar o gosto da mocidade, para satisfazer as exigencias de sua imaginação, de sua curiosidade, para a preparar enfim para o exercicio de todos os generos de eloquencia e de poesia, conceder-se-ha sem pena que ellas convem maravilhosamente a certas situações da alma, a certos momentos em que o coração humano se liberta das condições da existencia presente, das preocupações da vida exterior, das idéas que lhe suggerem as paixões e os interesses humanos, e entrega-se aos encantos d'uma poesia inteiramente espirital.

Qual é o homem o mais mundano que ao ver uma primeira communhão não tenha sentido em si reviver-se a doce recordação da sua infancia christã?

Como não ter em grandissima estimação os sublimes poemas dos nossos divinos poetas, poemas que offerecem ao espirito as mais bellas concepções, ao coração os melhores sentimentos, à vida admiraveis ensinosa?

E' do coração que exhala-se a verdadeira poesia.

Debalde o espirito é cultivado, a imaginação ornada, a lingua respeitada; debalde as leis da harmonia e da metrificacão são observadas fielmente; se um palpitar do coração não dá a tudo isso o movimento e a vida, um poema não vale nada e não tem alcance, *telumque imbelles sine ictu*.

Que a alma do poeta, desherdada da graça e escrava do erro, se ache tormentada por más paixões e prosiga o objecto funesto de suas cobiças desregradas, os seus versos irão, como labaredas devorantes, levar a devastação pelo mundo; confiados à memoria das gerações, elles excitarão alternativamente o rancor, a colera, a revolta, o sarcasmo, a sensualidade e outras desordens.

Mas, que ao contrario, o poeta não tenha outra paixão do que a pela verdade e pela virtude; que elle se eleve acima das fraquezas do vulgar; que a fé o illumine com o seu facho divino; que a esperanza o convide a volver seus olhares para o fim supremo do destino humano; que a caridade sobretudo, este amôr dos grandes corações, aqueça e vivifique suas inspirações; e então suas obras, a qualquer gráu que seu talento as ponha, produzirão effeitos salutaes, darão coragem ao bem; e é assim como as gerações christãs hão de communicar a faisca de vida desti-

nada a eternisar no mundo o duplo culto da belleza e da virtude.

Tomando a vontade, as crenças e a vivacidade do sentimento, para não dizer a exaltação, como ponto de partida da inspiração poetica, respondo aquelles que crem ainda que as ficções do paganismo dictaram muito melhores versos do que as realidades do christianismo: O Helicon e o Parnasso acaso inspiraram mais alegria e fazem derramar tantas lagrimas como o Thabor e o Golgotha? Os antigos, elles mesmos, provaram, com o exemplo, que a poesia não é realmente grande e não exerce uma influencia duradoira e civilisadora senão com a condição de se achar ligada estreitamente às crenças religiosas.

O genio religioso de Sophocles e a terna piedade de Virgilio contribuíram mais à gloria d'estes dois auctores do que as narrações das aventuras dos seus heroes.

Na idéa dos antigos, os poetas haviam por missão o guiar e pastorear os povos, quando elles os respeitavam como seus amigos e quasi como sendo os depositarios dos segredos dos deuses.

As artes são as irmãs da poesia: porque recusar a esta o beber da fonte em que aquellas acharam suas mais bellas inspirações?

Correi o mundo! e vereis que os mais bellos monumentos d'architectura são as cathedraes, os templos, as egrejas: Nossa Senhora de Belem, e o convento da Batalha; São Pedro de Roma; a cathedral de Millão; a de Toledo, a de Colonia, a de Veneza, a de Strasburgo, a de Paris etc. etc.!

As nossas mais bellas pinturas representam o nascimento, os milagres, a norte, a resurreição e ascensão do nosso Deus; a nossa mais bella musica é o canto-chão secular cujos accentos, sempre antigos, sempre novos, eccôam no mesmo dia e às mesmas horas por toda a christandade.

A lyra christã é vasta, e não deixou nunca de tocar. Dos poetas christãos, esses divinos auctores, fallaremos no proximo artigo, *se a tanto me ajudar o engenho e arte!*

J. C. de Faria e Castro.



## SECÇÃO HISTORICA

### Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

32.º

(Continuado do n.º anterior)

LXXIV

#### P. Francisco de Mendoga

**M**ENOGA illustre em sangue e letras, e não menos em santidade, entre os famosos da Companhia de Jesus, devemos enumerar o P. Francisco de Mendoga, nascido em Lisboa, no anno de 1572. Pertencia à nobre casa dos senhores de Barbacena.

Entrou na Ordem de Santo Ignacio, que então florescia em Portugal, por uma vocação irresistivel, com uma circumstancia notavel que convem mencionar.

Seus paes não queriam que elle professasse na Companhia, e, para lhe estorvarem esse passo de que tiveram conhecimento, fecharam-n'o em uma casa; Francisco, porem, saltou à rua por uma janella, e dirigiu-se ao collegio de Santo Antão. Tinha n'esse tempo 14 annos de idade.

Na historia de todas as Ordens religiosas, e principalmente na Companhia de Jesus, ha outros muitos factos eguaes: essas grandes vocações é que teem dado força às congregações monasticas.

N'estas circumstancias não podia ser negada a profissão religiosa ao nosso Francisco de Mendoga: vestiu a roupeta jesuitica no collegio de Coimbra, a 28 de julho de 1587, com o consentimento de seus parentes.

D'aqui devia resultar um verdadeiro religioso, como na realidade foi o P. Francisco de Mendoga. Mas note-se que desde menino começou a viver santamente, sendo muito modesto e desprezador das coisas do mundo.

Era dotado de prodigiosa memoria, de grande talento e agudeza de engenho, sendo elegante poeta, eloquente orador e profundo theologo. Foi um dos melhores latinos do seu tempo.

Estudou humanidades nos collegios de Lisboa e Coimbra, e n'este ultimo tambem foi professor de philosophia. Formou-se em theologia na famosa Universidade de Evora, e aqui regeu com distincção a cadeira de Sacra Escripura.

Governou com summa prudencia os collegios de Coimbra e Evora, sendo considerado um dos homens mais santos da Companhia em Portugal.

Em 1625 foi a Roma na qualidade de procurador da sua provincia perante o geral da sua Ordem que era então o

dignissimo Mucio Vitelleschi, o Anjo da Sociedade, como o denominava o Papa Urbano VIII.

Na cidade eterna foi muito estimado e venerado o jesuita Mendocça por sua sciencia e virtudes. O Geral disse d'elle que era «um homem completo, prégador, escriptor, doutor, superior e religioso perfeito.»

No regresso à sua patria morreu em Lyon (França) santamente, como sempre viveu, a 3 de junho de 1626

Distinguiu-se na interpretação das sagradas Lettras, compondo excellentes commentarios aos livros dos Reys, dos quaes diz o sabio benedictino, Agostinho Calmet, que nada haveria que de-sejar em tal assumpto, se o P. Mendocça concluísse aquella obra. Basta este testemunho para credito da auctoridade d'este jesuita. Compõe-se a obra de 3 volumes *in-folio*.

D'elle existem tambem 2 tomos de sermões, em que mostra estudo profundo, vastos conhecimentos e perfeita intelligencia das linguas hebraica e grega, apesar de ser a sua obra de menos merecimento, mas que foi traduzida em varias linguas.

Possuimos esta obra do P. Mendocça, que é muito erudita; conhece-se que o nosso grande orador, e tambem jesuita, P. Antonio Vieira, procurou depois imital-o no estylo e na pureza da lingua, se bem que este ultimo aperfeçoou o systema d'aquelle.

Tambem é digna de menção outra obra do P. Mendocça em latim, que tem por titulo *Viridarium*, muito estimada pelos curiosos.

É um homem tão sabio e virtuoso, como o jesuita Francisco de Mendocça, justamente celebrado por todos os sabios, não escapou ao odio do auctor da *Deducção Chronologica e Analytica!*

LXXV

### P. Athanasio Kircher

Quanto não foi benemerito de todas as sciencias o homem de que nos vamos occupar! Se quizessemos narrar todos os seus feitos litterarios, seria necessario compôr uma obra extensa. Tocaremos os topicos principaes da vida d'este doutissimo e infatigavel jesuita.

Nasceu Athanasio Kircher em Geysen, proximo de Fulda (Allemanha), a 2 de maio de 1602, e entrou na Companhia de Jesus em Mayense, a 11 de outubro de 1618. Ensinou philosophia, mathematica, as linguas hebraica e syriaca na Academia de Wurtzburgo.

Quando os suecos invadiram a Franconia, elle retirou-se para a França, ensinando em Avinhão as mesmas faculdades, e depois passou a Roma onde por seis annos foi professor de ma-

thematica no collegio Romano. Alli morreu no anno de 1680.

Passou a sua vida a estudar e a escrever, alem do cumprimento dos seus deveres religiosos, sendo exacto observante da regra de Santo Ignacio. Occupou-se com felicidade de todas as sciencias: physica, historia natural, philosophia, mathematica, theologia, antiguidades, musica, linguas antigas e modernas. A collecção inteira das suas obras regula aproximadamente por 30 volumes.

O P. Kircher foi um escriptor muito laborioso; as suas produções mostram profundidade de ideias e longas investigações; o seu estylo é elegante, puro e rico, e parece elevar-se à proporção do assumpto de que se vae occupando.

Os conhecimentos extremamente variados d'este sabio jesuita, a maneira grandiosa, nova e profunda com que elle trata muitas sciencias difficeis e pouco cultivadas até o seu tempo, poderiam fazel-o considerar como um sabio universal, se alguém o podesse ser, ou se o espirito do homem podesse abranger tudo.

Não pôde duvidar-se que algumas vezes adotta opiniões que hoje ninguém admite em physica, ou por erro proprio, ou porque eram universalmente seguidas no seu tempo; mas ainda assim ahi se reconhece o sabio e o homem de genio.

No entanto é certo que muitos auctores modernos que o teem censurado, a fim de obscurecerem a sua gloria, se teem appropriado dos materiaes que elle lhes forneceu!

Uma circumstancia notavel na vida d'este homem extraordinario e quasi unico pela multidão e variedade de seus conhecimentos: no tempo do seu noviciado em Mayense, o reitor do collegio julgou-o inepto para as sciencias, e tomou a resolução de o despedir. Athanasio retirou-se para uma capella onde fez ao Ceu fervososas supplicas para alcançar as luzes necessarias ao estado que pretendia abraçar.

E foi attendido acima dos seus votos, sendo, como acabamos de ver, um homem consummado em todas as sciencias.

Concluindo: se na Companhia de Jesus houve sempre homens d'um raro merito, de genio, como confessaram Voltaire, d'Alembert, Lalando e outros, um d'elles foi inquestionavelmente o P. Athanasio Kircher.

(Continua)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.



## SECÇÃO CRITICA

### Revolução

Em Maio de 1889 n'uma sessão da Academia franceza Mr. Renan, procurando o que a *Revolução*, sahida de oitenta e nove, tinha produzido depois de um seculo, dizia melancolicamente: «Em guerra, um capitão sempre batido não poderia ser um grande capitão; em politica, um principio que, no espaço de cem annos, esgota uma nação, não pôde ser vardadeiro.» E acrescentava: «A *Revolução* é condemnada, se se prova que depois de cem annos ella é ainda a recommear a procurar o seu caminho, a se agitar sem cessar em conspirações e na anarchia.»

E provado está.

«Com effeito, oitenta e nove nada tem fundado, nem um estado social nem um governo» disse, a respeito da *Revolução*, outro escriptor parisiense. Este disse ainda: «A *Revolução* em face das necessidades moraes e do remedio por estas exigido só produziu o *néant*, o *nada*.» Mas a *cegueira* ou antes a *peritancia diabolica* em certa escola é tal que continua a exigir que a *Revolução* seja aclamada como *Redemptora do Mundo!!!* Cem annos de *Revolução* têm sido mais de *cem seculos de ruína*; não tem *ella* seu um só principio verdadeiro, juizo este que o proprio Renan não duvidou emitir em occasião solemne, como citado é *supra*. O *nada* é o que a *Revolução* produziu, como fica trasladado *acima* da bocca de outro, de Paris, e ambas duas as citações de palavras ditas e idéas emitidas ao realisar-se a *Exposição, apothéotica* da *Revolução*. Aquelle *nada* refere-se ao *bom*, pois que relativamente ao *máu* a *Revolução* tem sido *secundissima!*

A gente correctamente boa tem a *Revolução* como motivo de odio justo, e o *é tudo* que vem à *Diabolo*; os *revolucionarios* aclamam-na mas *traem-na* sempre que *lhes convem*; só o *Diabolus* *lhe é fiel* por isso que *ella*, como *entidade, fiel* *lhe é*; cá pelo Mundo, nos lembra agora ter a *Revolução* uma só *fiel* amiga, e esta é a *Maçonaria*. A *Revolução* tomou ao *Christianismo* «*Obra do Homem-Deos*» as *Tres Divinas* idéas: *Liberdade, Igualdade, Fraternidade*, e cometteu o *Sacrilegio* de as dizer *Suas*, e o *sacrilegio* de procurar detorpal-«*As*» e assim fazendo da *Liberdade* o seu *despotismo*, da *Igualdade* a *exaltação* de seus sequases, da *Fraternidade* o *noventa e tres* e outros rios de sangue salvo, e nem sempre, o *dos seus*. Sophistica a *Revolução*, como todos os *Erros e errados*, procurou e procura

illudir e chamar de sua lavra tudo que na *Sociedade* tem apparecido bom depois e durante sua nefasta existencia; mentira redonda, com as *artus* do *Sophisma*: *Post hoc, ergo propter hoc*.  
A *Revolução* em vez de apurar tem

de St. Louis queriam reformas repetimos, aquelles *Estados* e não *Revolução*, para o qual *Lucifer* aproveitou o *en-sejo*, tendo-o antes preparado pelos *Encyclopedistas* e outros maus elementos. *Permittiu* Deos em Seus Altissimos

por *Essencia Sempre eterna*. Quando a maldade *ephemeramente* tem vencido e porque Deos se reservou *confundil-a* mais. Haja *fé* e *logica de fé*, e todo o temor desaparecerá; trabalhemos de baixo da *oração*, como manda e não



MACACO

estragado corações e intelligencias; em indivíduos e familias tem tirado a paz verdadeira; nos Povos tem semeado a discordia e os odios; que Satanaz a leve, elle que para cá a mandou. Os *Estados Geraes* ha dias convocados em *Versailles* queriam reformas, e não queriam a *Revolução*, indifferente em materia de Religião e athéa; e a prova foi dáda principalmente pela presença n'Elles do clero; e pela ida á Egreja

Juizos que tão grande elemento do mal apparecesse para que fosse visto que até o maior esforço de malignidade é *minimo* em combate com a Verdade invencivel! O sangue dos *justos*, feito correr pela *Revolução*, só por si é um *penhor* de que a *Revolução* ha-de ser completamente vencida.  
A *Revolução* pôz-se em combate directo com Jesu-Christo, mas Jesu Christo é o Deos-Homem e Deos é a Victoria

necessita o Todo-Poderoso; e a *Revolução* morrerá nos braços do Demonio, e assim este não a poderá mandar outra vez ao Mundo.  
Com os *revolucionarios* pôde ainda haver caridade para que se *salvem*, com a *Revolução* guerra aberta e só guerra; está ella «na Ira de Deos» não pôde ter de nós mais que o *abrenuntio* do *Baptismo* e da *vida christã*. A *Revolução* tem o intuito dos ladrões de es-

trada que se propõem a roubar os viandantes despindo-os de tudo; assim ella se propôz a despir os homens e a Sociedade de tudo de que Deos revestiu aquelles e esta; porem, se despiu os fracos por propria culpa de elles e os degenerados por ruins paixões, só estes sam os seus homens e a Sua Sociedade. Os incautos não terão desculpa, pois que o *Mal-Revolução* sempre foi evidente. Quanto a individualidades, ad homines, só temos a dizer: «que Deos é o Juiz de todos!» A Verdadeira Doutrina é Forte, e nós devemos, temperados por Ella, ser fortes, e assim sem zombaias e sem respeito humanos. No Campo Doutrinal só ha o combate entre a Verdade e o Erro, n'aquelle não tem entrada o meio-termo, que o Divino Redemptor condemnou! que os justos de Pariz sustentam o Braço Divino, que citado seja assim o Golpe do Céu sobre aquella Cidade, na qual se está dando o Escandalo de commemorar a Revolução em sua nascentia e vida; mas que os revolucionarios se humilhem, e não continuem a abusar da Sublime Sentença: «Deus patiens, quia aeternus!»

Dom Antonio de Almeida.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

### Mosteiro de Santa Maria de Alcobaca

(Conclusão)

IV

**M** 221 metros de comprimento a fachada geral do edificio: mosteiro e igreja. Uma frente do mosteiro cae sobre a estrada real que conduz ao Porto, e outra sobre uma praça guarnecida de casas, de lojas, em correcto alinhamento.

Os dois corpos do mosteiro que ladeam o templo são eguaes em architectura, todavia, um é mais elevado que outro por causa do declive saliente da praça. Neste corpo está a portaria, ou entrada principal. Não a descrevemos, nem o convento, porque a gravura do n.º 1.º da nossa revista está exata. Sete dormitorios, noviciado, hospedarias, cinco claustros, sete capellas, casa do capitulo, casa da livraria, e muitas officinas compõem aquelle edificio monumental, aquelle livro de pedra onde cada geração, no decurso de sete seculos, escreveu uma pagina da sua historia, ou gravou em florões rendilhados as conquistas da Caridade, ou desenhou algum passo da civilização pelo catholicismo. Os dormitorios foram feitos: um

por D. Affonso Henriques; outro pelo cardeal Rei; dous por D. Affonso VI; e os tres ultimos à custa da ordem. As hospedarias foram edificadas, ora por impulso real, ora por iniciativa dos abades. Era n'estes paços que se hospedavam os soberanos, principes e pessoas notaveis que visitaram o mosteiro no tempo dos frades. O noviciado era um verdadeiro convento.

Tinha dous dormitorios grandes, uma capella lindissima e vastas officinas. Os claustros offercem diversos typos architectonicos desde o seculo XIII até ao XVII. O claustro mais antigo é o do silencio, obra d'el rei D. Diniz: teve por architecto Domingos Domingues.

Uma cruz da ordem de Christo, que se divisa no vão do ultimo arco da parte de leste, demonstra que o mencionado claustro foi concluido depois da extincção dos templarios.

Embora muito damnificado pela injuria dos tempos é digno de muito apreço, porque mostra o estado da architectura em uma epocha de que restam poucos exemplares. As seis capellas estão destribuidas do modo que segue: uma no claustro central; outra no paço das hospedarias; duas nos dormitorios superiores; duas nos dormitorios debaixo.

A casa do capitulo é muito espaçosa, mas tem dous grandes defeitos: é escura e baixa. Não podemos dizer o mesmo da livraria: é uma casa grande, cheia de luz, apparatusa.

Ornavam-n'a varios quadros a oleo, laminas e figuras de alabastro. Ecerava copiosas colleções de livros impressos; porem a principal riqueza da bibliotheca de Alcobaca consistia nos manuscritos importantes para a historia de Portugal. Havia tambem uma outra bibliotheca especial: continha só as obras dos santos padres, expositores antiquissimos, livros verdadeiramente raros!!

Desappareceu quasi tudo ao primeiro grito da liberdade de fazer mão baixa no thesouro da igreja!!!...

Os bravos da revolução, os vandalos indomitos, sentindo no peito o prurito dos esfarrapados da Calabria, apanharam tudo em nome do progresso e da luz!

Ora!... para os liberastas nervosos o roubo é uma pepineira..... um divertimento à sombra da tolerancia... Nem aquelle enorme caldeirão, tomado entre os muitos despojos da batalha de Aljubarrota, escapou à rapina dos entusiastas da..... Extincção!!!

Ora essa!...

O caldeirão era de cobre, e por causa do cobre foi posto no olho da rua o pobre frade!...

Se um dia, leitor amigo, visitares o mosteiro de Alcobaca pensa por um

pouco nas grandezas tradicionaes da Patria quando ella se ajoelhava crente e fervorosa aos pés da Cruz!!

Não chores a sua pequenez actual, a sua desdita hodierna, a sua vergonha prezente! Chora sim a ignominia d'este povo que é um escravo do Erro, e não quer sacudir a corrente para não desgostar a liberdade....

Lá, no convento de Alcobaca, grita no meio dos corredores silenciosos: liberdade..... constituição! O echo ha de responder-te: ladroeira..... tyrannia....

R. Paraizo.

### A aposentação e o Monte-Pio do Clero (1)

(Continuado do n.º 13)

III

**P**ROXIMAMENTE duas terças partes do clero parochial, não percebem congrua superior a reis 120\$000.

Muitas são de 100\$000, algumas de 90\$000, outras de 60\$000, e—a penna abraza de pudor, por ter de publicar-o!—até congruas ha, que descem ao algarismo de 30\$000 reis!!!...

Sem correr risco de que nos acodem de parcial, tomemos para base das nossas considerações, a primeira das cinco quantias apontadas.

O parochio, pois, a quem o cofre das congruas destina annualmente 120\$000 reis, tem por mez 10\$000 reis, ou sejam 333 reis, por dia.

Segundo a lettra do projecto, attingidos que sejam os 75, ou provada a inteira impossibilidade aos 60 annos, o parochio é dispensado de todo o serviço, e fica pensionado por quantia igual à sua congrua, i. é, com 333 reis por cada dia.

E é com essa quantia que poderão ou ficarão recompensados todos os serviços de 30 annos, pelo menos, ao mais dedicado funcionario publico?...

Não irá a lei, por esta forma, collocar o aposentado a par do carrejão, do arremangado, do illitterato filho do povo?...

Não notam que os dois ficam dando a mesma altura, no escalão dos respectivos proventos?!

(1) Na parte publicada do nosso artigo, queiram os leitores substituir *ninho* por *nimbo* (1.ª columna, e linha 25.ª); dar por *dos* (2.ª columna, e linha pre-antepenultima); e um *outro projecto* por um *projecto* (2.ª columna e penultima linha). A imputação d'estes lapsos, cabe por inteiro, á nossa calligraphia, quasi sempre incorrecta.

Com saude e sem o peso dos 75 annos, pode ainda o parochio dedicar-se, a qualquer ordem de trabalho religioso. A' anemica congrua, junta o pé d'altar da sua egreja, e, posto que insignificantissimos, aufere percalços e prões no exercicio de ordeus.

Mas depois?...

A velhice ha de vir encontral-o, sem beneficio e inhabil para todo o labor, e com ella não deixará de vir de mão-posta, a enfermidade.

Terá n'essas circumstancias de limitar-se aos *fabulosos* 333 reis, para provêr ás necessidades de mesa, de vestuario, de medicina, de enfermeiro?...

Mas não é tudo.

No caso sujeito, o parochio, porque recebia somma superior a 100\$000 reis, tem de soffrer na subvenção, um desconto qualquer, em favôr da caixa das aposentações.

O aposentado, n'este caso, não receberá já os 333 reis por dia. Ilão de dar-lhe 300, se não fôr outra quantia, com tendencias para 200 reis ou menos ainda—o que não crêmos (1).

Quer dizer: a sociedade, depois de haver lucrado os bons officios do parochio, encontra-o um dia, n'um leito ou proximo d'elle, pobre, velho, invalido para toda a ordem de trabalho que se remunere, e diz-lhe, com ar protectôr:

—Não morrerás à mingua, honrado ancião. A lei providenciou em teu abono. Lidaste, dedicaste-te, deste-nos o melhor de tuas fadigas. Falaste-nos de Deus, ensinaste-nos a amar, incitaste-nos á concordia, pregaste-nos a virtude, aconselhaste-nos o dever, e, em nossos desfallecimentos, sorriste-nos, em nome dos ceos?... A patria, que sou eu, que é a multidão que contigo pisa o mesmo sólo, e tem o mesmo lar, não podia ser-te ingrata, cidadão benemerito. Olha: ahí tens. Essa quantia ha-de cancelar-te das contingencias de uma velhice de penuria!...

E, dizendo isto, volta as costas, esfregando as mãos, como quem seguisse á sua vida, muito em contas correntes, comsigo proprio!...

Bem prevêmos, que ás nossas observações, terão para nos voltar:

—Queixa-se sem razão, o clero. Vae ter mais do que até aqui. Levámos a longanimidade ás extremas de o despensarmos de fadigas e processo, para nos provar impossibilidade physica ou moral aos 75 annos.

—Mas perdão, senhores do poder!—teremos tambem para lhe retrucar.—Água morna, em Therapeutica, foi nuca um recurso heroico?... Vae extir-

par-se o cancro?... Tambem vae ficar juntamente compensada, uma inalterabilidade de mais de 50 annos?...

Estacionar é por vezes synonymo de voltar para traz.

As productivas riquezas sequestradas aos conventos, não chegam mais longe?...

Sustenta o clero parochial confronto desfavoravel, com outros funcçionarios, que tem reforma n'um pósto de acesso?!...

E não será ella commiserção pelos 75 annos, antes medida de apparatus, do que de utilidade effectiva?!... Como se ha de viver n'essa idade—os que lá chegarem!—com 300 reis por dia?!...

Ao clero é hoje defeso, n'uma vida de estreitezias, o que é perfeitamente facil a muito parasita—arrecadar, fomentar para as eventualidades do porvir.

O *migalheiro* é utensilio proscripto do seu recheio domestico!...

Em conclusão e em meia palavra: o projecto não satisfaz ao fim, que parece ter em vista. Com a avareza da aposentação, o parochio ha de irremediavelmente encontrar-se insolvente, para as despesas indeclinaveis da vida.

Receberá muito mediocrementemente, para uma pessima canja!...

E eis tudo o que pode dar-lhe o projecto.

Nada mais.

Perdão... Mentiamos!

Dá-lhe algo mais: dá-lhe uma esperança.

A *problematica* dotação parochial!...

(Continua).

Padre Raymundo.

## SECÇÃO NECROLOGICA



No dia 28 do mez passado falleceu no hospital da Misericordia, d'esta cidade, um dos nossos assignantes, o Rv.º Padre Antonio Fernandes Martins Simões, parochio que foi em Abação, Oliveira, e por derradeiro em Sant'Iago de Rebordões, no concelho de Santo Thyrso. Modêlo exemplarissimo de parochios, toda a sua ambição era o bem espirital de seus freguezes, em beneficio dos quaes dispndia os redditos das egrejas que administrou. Ha tres annos que começou a soffrer, e contristava se apenas com a idéa de que a morte o colhesse sem proporcionar uma missão

a seus freguezes. Deus attendeu-lhe o piedoso desejo, e deu-lhe ainda um anno de vida, para contemplar a sua obra desabrochada em flores e coberta de multiplicados fructos de benção.

Leitores: uma prece fervorosa por elle, para hem cedo ter acolhimento no esplendor dos Santos.

## Declaração

*Toda a correspondencia deve ser dirigida a J. O. Teixeira de Freitas, successores do fallecido Teixeira de Freitas—Centro de Propaganda Catholica—Rua de S. Damazo—Guimarães.*

## Aos nossos bondosos assignantes

*De novo recommendamos que quando haja de fazer-se qualquer alteração na direcção da nossa Revista, nos indiquem sempre os dois numeros que tem a cinta, ou mandar esta, o que é melhor, sem o que não poderemos attender a reclamação que se nos faça, e não podem culpar-nos porque a falta provem do não cumprimento d'esta nossa determinação.*

## Declaração

*Pedimos aos nossos bondosos assignantes que tenham o incommodo de ler o nosso prospecto de 30 de maio de 1888, e depois de bem lido, áquelles que se julgarem com direito ao*

(1) Em que desgraçadissimas condições, se poderia ficar, com uma subvenção annual de 20\$000 reis?!

brinle, rogamos o favor de o reclamar.

A REDACÇÃO.

## RETROSPECTO DA QUINZENA

**U**HA TEAUBRIAND, esse genio privilegiado que vencendo a critica sarcastica de Voltaire, ajudou a firmar no vertice das egrejas a cruz abalada pelos desvarios de uma philosophia hypocrita, fallando aos povos do vulto sublime da mãe de Deus, exclama: «Maria é a divindade da innocencia, da fraqueza e do infortunio.» A multidão dos que a veneram em nossos templos, compõe-se de pobres marinheiros, salvos por ella no naufragio, de velhos invalidos que ella arrancou á morte, de mulheres moças, cujas dores ella consolou. «Estas vem recommendar-lhe seus filhinhos ante o altar: e o coração do recém-nascido, que ainda não intende o que é Deus, já comprehende aquella mãe divina que tem nos braços um menino.»

E haverá, porventura, sobre a terra uma creança mais poetica? mais singela? mais innocente? mais candida?

Haverá uma devoção mais bella? mais ardente? mais fervorosa? mais doce?

Eu creio que não!

O preito constante que no decurso de maio se presta á estrella matutua que, surgindo radiante da espuma das vagas, sobe ao ceo em acordes de melodia, é testemunho eloquente da belleza que nos deleita, da prova que nos convence, do impulso que nos persuade.

Chega a princeza das estações. Desprende-se das florestas um hymno executado por um coro de philomelas; a brisa dos rosaes deixa calir nas azas da borboleta a essencia fragrantissima das flores; o luar segreda doces mysterios ás correntes christalinas quando pela calada da noite lhe deposita beijos demorados na sua face de neve; a natureza, finalmente, estremece de gozo no seu leito fecundo...

Alem... na ermida distante, solitaria, na ladeira do monte, o povo ergue uma oração á Virgem, que salpicada de flores lhe sorri bemfazeja, amoravel!

A devoção do mez de Maria propaga-se de anno para anno mais e mais. Nas cidades, como nas aldeias, esta formosa solemnidade domina todos os corações, consola todos os desgraçados, balsamiza todos os feridos, cobre todos os pobres, estanca todas as lagrimas, salva todos os enfermos!!! Quem pre-

tender conquistar tamanho bem escusa de perder muito tempo.

Não podeis ir á egreja?

Em casa, querendo, tereis oportunidade para, com edificação de todos os domesticos, offerecer um amor perfeito, intenso e vibrante á Rainha dos ceos e da terra. A Immaculada tem direito incontestavel e incontestado de receber n'este mez um presente de Aromas. Ella aceita gostosa a prova da nossa gratidão, quer n'um recinto luzente forrado de purpura e ouro, quer n'uma sala modesta entre flores e musgo; Ella, arrendendo n'aquelle amor infinito que rompe, como fogo, do coração de Jesus, fita, carinhosa e sorridente, as lagrimas de todos nós!!!

E' nossa Mãe!

Offereça cada um, como poder, flores a Maria: um rosario, uma coroa, um hymno, um cantico... o coração! E' nossa Estrella!

Os devotos exercicios do mez de maio consagrados ás glorias e louvores da Mãe de Deus, celebram-se com bastante esplendor em S. Francisco e S. Domingos. Temos assistido.

Na capella das ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup> Mattos Chaves são lindissimos, edificantes e commoventes. O concurso do povo é grande; não se pode entrar facilmente, porque a capella não é muito espaçosa para conter um numero avultado de fleis.

Quem se descuidar fica na rua, isto é, fora da capella que é lindissima, que é encantadora, que é modesta.

Uma ideia geral. O arco, que divide a capella, parece de marmore; está muito bem lançado. Do envasamento do cruzeiro vae correndo em linha recta uma grade rendilhada, a fingir bronze, a qual veda a capella mór, cujo lecto tem a forma d'um docel quadrilongo recamado de estrellas douradas. O altar é de talha, muito bem trabalhado, porem o desenho, a meu ver, é mais formoso ainda. Do lado do evangelho fica a sacristia, pequenina apesar de elegante, pobre apesar de rica. Está lá um Christo de muito valor. O corpo da capella tem a poesia da simplicidade; muita luz, muito asseio etc. Quatro livros abertos em alto relevo decoram os quatro angulos da abobada, e no meio d'ella destaca-se o anagramma=Ave=como que sahindo das azas de uma pomba branca, circumdando tudo um rosario de espheras, ora azues, ora douradas. A capella de Nossa Senhora de Lourdes merece bem uma visita.

São notaveis as festas que em quasi todas as provincias do Imperio do

Brazil teem os Congressos celebrado em consequencia da abolição da escravatura. Em quasi todas as partes o correio portador do decreto tem sido festejado entre os gritos, vivas e danças dos pretos; o cavallo do mesmo tem sido coberto de flores, e adornado com um grande cartel onde se lê *liberdade*. Em outras partes se tem passado o dia e a noite rezando Rosarios, dando-se vivas aos Missionarios, aos Frades Dominicicos, beijando, e abraçando as cruces de pedra ou madeira, signal de liberdade de todos.

Fallando Beuvier da segurança dos catholicos e pouca tranquillidade dos herejes; exprime-se d'esta sorte: Vêem-se a miudo protestantes, que na hora da morte, arrependidos de ter vivido na pretendida Reforma, pedem um sacerdote catholico para abjurar os seus erros. Porem, vio-se já mais que um fervoroso catholico se arrependa na hora da morte de o haver sido, e peça a um ministro protestante para abraçar a reforma? Não.

Estamos a ver se a propaganda do apostata, do *sabão*, do *theologo de torno*, poderá desmentir Beuvier. Não desmente, não: é muito mais bonito dar um passeio pelo *horizonte das altas montanhas* a *flitar o verde*. O Guilherme, olha cá: lê esta noticia que te envio de presente:

«Tem feito immensa sensação em Dinamarca a conversão ao catholicismo da condessa Anna Ahiefelpt-Laurrigger e da sua irmã a baroneza Politena Resenörn-Lehu, sobrinha do actual ministro dos negocios estrangeiros. As duas illustres damas abjuraram a heresia em Odense, e foram recebidas no seio da Egreja catholica pelo Perfeito Apostolico de Copenagem, Rev.<sup>mo</sup> João De Euch.

Tambem abjurou a heresia anglicana e foi recebido no seio da Egreja pelo P. Laforest, da Companhia de Jesus, um juiz da suprema cõrte de justiça, sir William Comer Petheram, pessoa estimadissima em Inglaterra pelos seus conhecimentos juridicos.»

Que dizes?! Os da companhia de Jesus fazem coisas....

A tua *intelligencia*, porem, hade *ven-cel-os*, hade *esborrachal-os*, hade *mandal-os* tomar alguns ares lá pelo *horizonte das altas montanhas*....

Aquella Reforma arraza-te, Guilherme, dá com a tua *egreja* em pantanas. Se queres arranjar alguma *coisa* dos outros *pastores* (aliás *pedreiros*) não escrevas uma palavra. Tu estás de todo=Quos Deus vult perdere, prius dementat. Repontas?!...

A's moscas.

D. João I, quando estava para dar a alma ao Creador mandou depositar no convento da Batalha a massa de ferro com que pelejava nas batalhas; e as mais armas que então trazia. O mesmo fizeram seus filhos e successores D. Duarte, D. Affonso V e D. João II, que alcançou da Sé Apostolica licença para aquelle convento poder possuir bens de raiz. E hoje?!

Caluda!!!

Consta-n'os que o estado *pediu* licença á Santa Sé para *conservar* a Insigne e Real Collegiada de N. S. da Oliveira com obrigação de ensino.

Alguem, um pouco iniciado nos segredos da alta diplomacia da *corrente* que ora desliza no meio de *greves* e *chifrins*, afirma sem reboço (!) que o *negocio* está *liquidado*. Sim, sim! nós é que estamos liquidados, e a collegiada tambem.....

Pode ser, pode ser; porem nós já não podemos acreditar, embora nos digam que dous deputados, um *regenerador* e outro *progressista*, *metteram fortes empenhos* á Curia! Os bens de raiz..... o ouro!!!.....

Viva a liberdade!

Entre os oradores do Congresso de Madrid figuraram 10 lentes de universidades do Estado, dois representantes das Academias de sciencias e letras de Sevilha e Barcellona, diversos publicistas, dois deputados do Parlamento, dois ex ministros, muitos e illustres membros da aristocracia hespanhola.

No dia 14 abriu-se o Congresso geral francez em Paris, que é presidido pelo Arcebispo Mgr. Richard.

Mestre Joaquim deve protestar contra o movimento catholico..... Crispi pode muitas vezes lembrar-se de sua exc.\* com uma condecoração qualquer e depois sempre é bom... figurar... Aquelle *mestre* (...) não é uma ironia subversiva e demolidora, é um *terremoto graudo*...

Os congressos catholicos teem creado em toda a Europa uma nova atmospheria. A causa pontificia parece ter redobrado e realçado a vitalidade do catholicismo.

Os jornaes francezes publicam o texto da mensagem dos reitores e dos professores da Universidade catholica de Lyon ao Santo Padre. Não são sómente os Bispos, os Congressos, as assembleias, são tambem as Universidades, os corpos constituídos, as individualidades mais em vista que lançam pessoalmente a auctoridade do seu nome

e da sua posição ao meio da discussão em favor da independencia pontificia. A Universidade de Lille, a Universidade de Louvain, as Academias da Hungria, os Institutos d'Hespanha e d'outros paizes associam-se a esta santa cruzada.

Eis a mensagem da Universidade de Lyon:

«Santissimo Padre.—Depondo aos pés de Vossa Santidade o relatório da assembleia dos catholicos de Lyon, o reitor da Universidade, os membros do corpo d'ensino, os membros da sociedade civil e os alumnos das diversas faculdades julgam-se felizes em associarse ao eloquente protesto que o snr. senador Luciano Brun, presidente da assembleia, professor na faculdade de direito, bem como os snrs. Perrière, decano, e Carlos Jacquier, professores na mesma faculdade, fizeram ouvir, no meio d'applausos unanimes, em favor da plena liberdade e da independencia da vossa auctoridade suprema.

Esta independencia é devida á vossa augusta dignidade de Vigario de Jesus Christo. E' necessario aos filhos da Igreja, que teem necessidade de communicar livremente com seu pae e de receber, pura de toda a alteração, a doutrina que dimana d'essa fonte sagrada. Esta independencia não é menos necessaria, ao mundo civilizado, que venera em Vossa Santidade a mais alta auctoridade que existe entre os homens, a unica capaz d'esclarecer os principes e de guiar os povos no caminho da justiça e da paz.

E como esta independencia não pôde ser garantida senão pela plenitude do poder temporal, nós reivindicamos energicamente para o Chefe da Igreja essa soberania que os seculos passados, pela gloriosa iniciativa da França, lhe tinha assegurado, e não pôde ser-lhe tirada sem causar em toda a christandade uma perturbação e uma agitação, de que os proprios espoliadores são as primeiras victimas.

Estes sentimentos são os de todos os catholicos, de todos os homens justos e que temem a Deus; são especialmente os nossos, de nós que temos recebido de Vossa Santidade tantas provas de bondade, e que nos gloriamos de ter erigido no seio da nossa universidade uma cadeira que usa o vosso glorioso nome.

Digne-se Vossa Santidade aceitar a homenagem da nossa mais profunda veneração e da mais filial e mais absoluta dedicação.—(Sequem-se as assinaturas.)

O *New York Herald*, jornal que se imprime ao mesmo tempo em America e França, publica uma conversação d'um dos seus redactores com o celebre Padre

Monsabré, o mais illustre orador sagrado que existe actualmente em França.

Entre outras cousas, a folha franco-americana refere as seguintes palavras do eminente orador:

«A grande maioria dos padres francezes, são, como eu, quasi extranhos e indifferentes ás questões politicas. E' necessario ter muito cuidado porque a politica é o escolho d'aquelles que devem annunciar a palavra de Deos. Certamente ha momentos nos quaes não nos devemos deixar intimidar por esta ou aquella consideração. Então o ministro de Deos deve fallar livremente e sem temor».

E-tas palavras são um programma.  
*Virgilio de Senna.*

## ANNUNCIOS

### Exposição Universal de Paris

Todas as pessoas que desejarem estar ao facto do que se passa em Paris com a grande Exposição do Campo de Marte, devem comprar a ILLUSTRÃO, revista quinzenal, director Mariano Pina.

A ILLUSTRÃO é a unica publicação de luxo que se imprime em Paris; e é a unica revista illustrada que está publicando as mais curiosas gravuras da Exposição Universal.

A ILLUSTRÃO distribue-se nos dias 1 e 15 de cada mez. Cada numero consta de 9 paginas de texto e de sete paginas de gravuras. Cada numero 100 réis!... Assignatura: trimestre 600 réis, semestre 15200 e anno 25400 réis.

Assigna-se para a ILLUSTRÃO em todas as livrarias do reino, estações postaes, agentes da Companhia Nacional Editora e nos escriptorios da mesma companhia, 42, rua da Atalaya, Lisboa.

### REPRESENTAÇÃO

DIRIGIDA

AOS PODERES PUBLICOS CONTRA OS JESUITAS

(MAGNIFICA TROÇA)

PELO

**PADRE SENNA FREITAS**

1 opusculo—100 réis

### A ROMA!

(NARRATIVAS DE VIAGEM)

PELO

**PADRE MARTINS CAPELLA**

1 volume—500 réis

## DEVOÇÃO AO SS. CORAÇÃO DE JESUS

PEQUENO MEZ DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS  
PIEDOSO PENSAMENTO PARA O  
MEZ DE JUNHO

Extrahido do livro devoto da donzella  
pelo auctor das «Palhetas d'Ouro»  
*Obra approvada por muitos Cardeacs,  
Arcebispos e bispos*

Traduzida da 102.ª edição,

por um Filho de Maria

Contém este pequeno livrinho:

*Mez do Sagrado Coração de Jesus, La-  
daihas do Sagrado Coração de Je-  
sus, Consagração ao Coração de Je-  
sus, Novena ao Coração de Jesus, In-  
vocação ao Sagrado Coração de Jesus.*

1 vol. de 64 pag. em bom papel, 100 rs.

Quem comprar 3 ex. pagará só 200 reis

MGR. BESSON, BISPO DE NIMES

NOTAVEL PASTORAL SOBRE A MAÇONARIA

TRADUÇÃO DO

Padre Senna Freitas

1 vol. de perto de 80 pag.—50 rs.

## O MEZ DE JUNHO

CONSAGRADO AO

SANTISSIMO CORAÇÃO DE JESUS

POR

FRANCISCO VANNUTELLI

da Companhia de Jesus

Traduzido da segunda edição italiana  
por Francisco do Rego Maia, conego  
prebendado da Cathedral de Olinda,  
com approvação do Ex.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> Sr.  
D. José Pereira da Silva Barros, digno  
Bispo de Olinda.

3.ª EDIÇÃO CORRECTA

Preço—Brochado. . . . . 160 reis  
Encadernado . . . . . 220 .

Vende-se em Lisboa na administração  
do «Novo Mensageiro do Coração de  
Jesus», rua dos Quelhas n.º 6.—Em  
Guimarães no Centro de Propaganda  
Catholica—Rua de S. Damazo.

# HISTORIA DE SANTA MONICA

PELO ABBADE BOUGAND

Vigario Geral de Orleans

Traduzida com a permissão do auctor em 1884 pela

VISCONDESSA DAS NOGUEIRAS

2.ª edição portugueza

Em meio do grande cataclismo que affligia as creancinhas, ameaça de perto a sociedade, não co- que o lessem as meninas nos collegios, nhecemos nada que melhor possa deter- oh! que grande serviço prestado, que a onda destruidora, levantada pela des- fonte de bens para a humanidade! Mas crença, do que a educação, ministrada será o que Deus quizer, o livro já está aos filhos pelas mães christãs. Dae ás á venda e temos esperanças de que se creancinhas uma mãe, e dae a essa mãe espalhe bem, como merece. o temor de Deus, e a sociedade futura será outra que não a actual.

Mas para que as mães tenham o ver- dadeiro temor de Deus, para que ellas saibam ser mães e as educadoras de seus filhos, forçoso se torna que ellas aprendam com as grandes maes, que conheçam os magnificos modellos que tem de imitar. Essa grande mãe, esse perfeito modelo das mães offertamol-a aos nossos leitores e ás leitoras prin- cipalmente na mãe de Santo Agostinho, em Santa Monica, cuja historia está publicada em 2.ª edição, tentando com isso prestar um grande serviço à socie- dade, e ás patrias letras.

Se nós conseguissemos que este li- vro entrasse em todas as casas, fosse lido por todas as mães, por todas as

Forma um volume de 400 paginas aproximadamente, e é impresso em bom papel, hom typo e em elegante formato em 8.º

A 1.ª edição custou 1\$000 reis, mas nós, querendo fazer larga propaganda, e facilitar a sua posse a todos os nos- sos leitores, estabelecemos o seguinte:

Quem subscrever para esta obra mo- numental, custará apenas

**500 rs., franca pelo correlo**

Depois de concluida a publicação, os poucos exemplares que restarem, custarão 600 reis. Escusado será dizer que fazemos esta edição em har- monia com muitos pedidos que já te- vros e contando com a cooperação de todos os nossos bondosos assignantes.

Conde de Samodães

## O MEZ DE MAIO

CONSAGRADO

A' Santissima Virgem Mãe de Deus.

NOVO MANUAL PARA OS EXERCICIOS DA DEVOÇÃO N'ESTE MEZ

Com a collaboração poetica

DE

ANTONIO MOREIRA BELLO

Com permissão e approvação

DO

Em.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. Cardeal Bispo do Porto

Que concede cem dias de indulgencia por cada leitura da Meditação de um dia

Preço, encadernado 400 reis

PELO CORREIO—440 REIS

Editor—José Fructuoso da Fonseca

A' venda—em Guimarães: na livraria Internacional dos successores de Teixeira de Freitas.—No Porto: nas livrarias dos snrs Joaquim Maria da Costa, Cruz Coutinho, nos Loyos—e nas principaes livrarias.—Em Lisboa: na Casa Catholica, de Silvestre Castanheiro, rua Augusta, 180.